

A Propósito de *Sim*¹

Cândido Jucá [Filho]

DOI: <http://dx.doi.org/10.18364/rc.v1i60.492>

A partícula *sim* é notável no português por duas razões.

Primeiro porque, ao contrário do que sucede nas demais línguas românicas, não é empregada para responder afirmativamente. As respostas que no castelhano e no italiano se fazem com um simples *si*, ou com *oui* no francês, fazem-se em vulgar com a repetição do verbo da pergunta, à maneira latina. Escuso de ajudar exemplos. O nosso esquipático *sim* é antes um denotativo de confirmação ou de conformidade, coincidindo, em muitos pontos, com o *all right* britânico.

Segundo porque é motivo de preparo a nasalidade final, que não justificam as leis de derivação vigentes na formação da nossa língua.

Com um pouco daquelas disposições de coragem metafísica de que nos fala João Ribeiro, a páginas vinte e cinco do seu livro *Curiosidades verbais*², poderíamos estranhar essa nasalidade por um terceiro motivo: porque essa ressonância é elemento característico da negação!... De feito, contaminado

1 Artigo publicado no *Correio da Manhã*, edição de 30 de junho de 1929, p. 1. A presente versão sofreu atualização ortográfica e calafetação de dois trechos omissos no original, ambos indicados entre colchetes.

2 [Nota do editor] Ribeiro, João. **Curiosidades verbaes**. estudos applicados á lingua nacional. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1927. Uma terceira edição foi preparada pela Academia Brasileira de Letras e pela Biblioteca Nacional em 2008, disponível em https://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/curiosidades_verbais_-_cams_-_para_internet.pdf

da dúvida de três conspícuos confrades estrangeiros³, que vieram de alguma peregrinação miriaglótica, pergunta-se a si próprio o grande mestre no mesmo passo a que nos reportamos acima: “Por que é a negativa sempre nasal?” Entendo que tal inquirição não se restringe aos elementos equivalentes a *não* nas outras línguas, até porque tal *sempre* ruiria com abrirmos somente um dicionário de grego. Também se há em cada língua, entre advérbios, pronomes, preposições, conjunções, alguma palavra negativa com algum fonema nasal, não foi isso coisa que inte[ressasse a al]guém. Mas aos filólogos nada passa despercebido, merecendo tudo sua explicaçãozinha. A que o eminente mestre acatou – a tal que se pode classificar de fisiológica – foi a de que a negação é na origem uma repulsa, havendo de, por isso, interessar o “órgão do olfato, o mais sensível talvez às contrariedades do ambiente”! De sorte que a negação, “no fundo, é uma voz imitativa e nasal da repulsa pelo olfato, depois de haver a expressão mais grosseira da repulsa pelo gesto”!

A razão parece fina, e poderia ser adotada pelo menos como hipótese de trabalho. Mas essas finezas têm a vantagem de ser dispensáveis quando discreteamos terra-terra. Abandono-a, porque se dentro da filologia românica não encontramos cabal justificação da nasalidade de *sim*, ainda mais remotos ficamos se lhe marcamos extravagância fisiológica. Depois estamos em companhia com os gregos, que também tinham uma nasal no seu advérbio de afirmação.

Quando nos empenhamos em destrincar problemas que transcendem as nossas forças, a coisa mais aconselhável e que largamente se tem praticado sempre é remover-lhes por artifício a solução. Por exemplo: Quem é o autor do mundo? É Deus. “Mas o que é Deus, ninguém o entende, que a tanto o engenho humano não se estende”, ajunta desconsoladamente o Poeta⁴.

3 [Nota do editor] Trata-se de Herman Paul (1846-1921), Fritz Mauthner (1849-1923) e Karl von Prantl (1849-1893).

4 [Nota do editor] Citação de um verso que compõe a estrofe 80 do *canto X de Os lusíadas*, de Luís de Camões.

Reconhecendo a dificuldade de explicar a origem da nasalidade em *sim*, parece-me todavia que o fenômeno se pode alargar muito mais e tanto e tanto que se vá interessar o galego.

Antes de tudo, anotaremos que a mesma nasalidade dificulta [a etimologia] do vocábulo *ontem* e de outros como *viagem*, *selvagem*.

Por outro lado, no galego observamos que o pretérito perfeito indicativo tem a desinência *in* para a primeira pessoa do singular: *debin*, *dormin* e às vezes *falin*, por *falei*.

Não se poderiam entrelaçar os fenômenos, dado que português e galego formam um só domínio linguístico? Acho que sim, e os filio já nas vacilações que houve entre *mi* e *mim*, entre *vim* e *vi*, já nas indecisões que perduram entre *homem* e *home*, entre *pentem* e *pente* e quejandos.

Mi somente em época histórica sofreu a contaminação nasal progressiva que o desfigurou em *mim*, exatamente como sucedeu com o vocábulo *mai*, ainda encontradiço em dialetos lusitanos, hoje transformado em *mãe*. Quanto a *vim* podemos admitir que se houvesse desnasalado algum tempo em *vi*, forma ainda corrente no galego.

Da equipolência *mi:mim*, *vi:vim* resultou generalizar-se o caso, tornando-se a terminação “i” (que talvez se articulava com prolação: “ii”, à maneira de alguns brasileiros em “sorri”) equivalente de “in”, tal como ocorreu com o ditongo “ou” que alterna com “oi”.

Daí provieram aquelas pessoas verbais do galego: *debei: debi: debein*, *parti:partin*. No português, a contágio foi no advérbio de afirmação e no substantivo *rubi*, como se vê: *si: sim*, *rubi:rubim*. No dialeto interamnense a nasalização atinge o pronome “si”: “pra sim” é citado por L. Vasconcelos nos seus *Opúsculos* (II, p. 511)⁵.

À dualidade *homem: home*, sendo a última forma popularíssima em Portugal e no Brasil, e a tantas outras como *pentem: pente* (e vem a

5 [Nota do editor] Vasconcelos, José Leite de. *Opúsculos*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 7 v., 1928-1938.

pelo rememorar célebre verso camoniano: “que nunca brando pentem conheceram”)⁶ devemos atribuir a nasalização de *ontem*, *viagem* etc., tanto mais quanto são históricas certas formas como *oõite*, *oõte*, etc.

Mas, na indagação das causas que trouxeram a prevalência de SIM, por que não ponderar a questão do arbítrio que usa emparelhar tantos e tantos vocábulos, consoante um plano de estética construcional? Quando se considera no paralelismo conseguido com *meu*, *teu*, *seu*, e com *nosso*, *vosso*; quando se tem em mente a série *alguém*, *ninguém*, *outrem*, calcada sobre *algum*, *nenhum*, *outro*, e comparadamente *algures*, *nenhures*, *alhures* – fica-se então com o direito de supor que a nasalidade de *não* estava a exigir conformidade em *si*.

Muito a medo faço, contudo, essas considerações.

Quando alguém chega a intoxicar-se de ciência filológica, e vê cada fenômeno explicado pelas suas causas necessárias, cada fato explicado pela sua lógica, também necessária – sente-se necessariamente entranhado de que a evolução das línguas obedece a leis superiores e incoercíveis, processando-se fatalmente, condicionada por circunstâncias mecânicas, independentes do fator arbítrio, ou gosto ou capricho.

Teorias complicadíssimas e razoabilíssimas complanam todas as dificuldades principais. Com os nomes espirituais de analogia, de contaminação, de cruzamento tornam-se exuberantes e até sedutores os erros que medrosamente se perpetravam. Tudo se mecaniza e o mecanismo dos fatos leva a admitir todas as consequências como inelutáveis.

A tal ponto se automatiza aparentemente a evolução linguística que a previsão de um estado porvindouro, para muitos, só encontra óbice na complexidade do problema: assim a previsão do tempo, cuja dificuldade não argui nenhuma inanidade dos conhecimentos meteorológicos.

6 [Nota do editor] “Os cabelos da barba, e os que descem / Da cabeça nos ombros, todos eram / Uns limos prenhes d’água, e bem parecem / Que nunca brando pentem conheceram;” (Camões, Luís de. **Os lusíadas**, canto VI, estrofe 17).

Também os comunistas “verificando” que a história não passa de um fenômeno econômico, penetrando-lhe as causas podem elegantemente presumir a futura sociedade que felizmente lhes é simpática e confortável...

Desconfio de explicações monistas em assuntos tão complexos.

Acode-me que o explicarmos um fenômeno não importa em lhe penetrarmos todas as causas que o efetuaram. Sabemos-lhe frequentemente a grande causa, a eficiente. Falece-nos, não raro, notar a pequenina causa ocasional, cuja importância é, porém, sempre decisiva, tornando o fenômeno contingente.

Em todo caso, a abundância de explicações não prejudica em nada o sítio que realizamos em torno da verdade, por isso dou ansa e publicidade àquelas⁷ razões que em cima vão.

E se algum indiscreto me perguntar se creio nelas, lembrarei que se não deve duvidar, a não ser intimamente, da sinceridade de um iniciado.

7 [Nota do editor] No original “a aquelas”.